

# PROPOSTA DE REVISÃO ESTRATIGRÁFICA E CORRELAÇÃO DO SUPERGRUPO ESPINHAÇO NAS REGIÕES DA CHAPADA DIAMANTINA E ESPINHAÇO SETENTRIONAL - BAHIA

José Torres Guimarães (1).

(1) CPRM.

**Resumo:** O Cráton do São Francisco é uma entidade geotectônica limitada a norte, oeste e sul por faixas dobradas neoproterozóicas e a leste pelo Oceano Atlântico. Rochas arqueanas e paleoproterozóicas constituem o seu embasamento, o qual é "rasgado" na sua parte centro-ocidental pelo sistema de rifte estateriano Espinhaço, que se estende na direção norte-sul pelos estados da Bahia e Minas Gerais. Na Bahia esse sistema é composto de dois ramos, um a leste, localizado na Chapada Diamantina Ocidental, e outro a oeste, no Espinhaço Setentrional, separados pelo Bloco do Paramirim. Esse rifteamento gerou bacias rifte-sag que armazenam depósitos do Supergrupo Espinhaço.

Trabalhos de mapeamento geológico, escala 1:100.000, executados através convênio entre CPRM/CBPM (projetos Ibitiara-Rio de Contas e Barra-Oliveira dos Brejinhos), possibilitaram a apresentação desta proposta de coluna estratigráfica para os dois ramos do rifte Espinhaço na Bahia.

No ramo leste, região da Chapada Diamantina Ocidental, o rifte Espinhaço abriga cerca de 3.000 metros de rochas vulcanossedimentares. Esses depósitos, acumulados em ambientes continental e marinho, compõem da base para o topo: (i) Formação Serra da Gameleira (metaquartzarenitos eólicos - fase pré-rifte da bacia); (ii) Grupo Rio dos Remédios (formações Novo Horizonte, vulcânicas e subvulcânicas ácidas, alcalinas datadas em 1,75Ga - fase sinrifte inicial, Lagoa de Dentro, metarrilito e metapelito lacustres e Ouricuri do Ouro, metaconglomerados e metarenitos de complexo aluvial - fase sinrifte final); (iii) Grupo Paraguaçu (formações Mangabeira, metarenitos eólico-fluviais e Açuruá, metapelitos e metarenitos marinhos rasos e litorâneos - fase pós-rifte).

No ramo oeste, região do Espinhaço Setentrional, entre Barra e Macaúbas, o rifte Espinhaço preserva mais de 3.000 metros de rochas vulcanossedimentares continentais e marinhas. Novos dados de campo permitem a reavaliação das colunas estratigráficas existentes e a proposição de uma nova arrumação estratigráfica para esta bacia, que compreende da base para o topo os grupos: (i) Oliveira dos Brejinhos (formações São Simão, metavulcânicas alcalinas e Pajeú, metarenitos impuros, metapelitos e metaconglomerados lacustres - fase sinrifte); (ii) São Marcos (formações Bom Retiro, metaquartzarenito eólico, Riacho do Bento, metarenito feldspático e filito marinhos litorâneos, e Mosquito, filito granadífero e grafitoso e metarenito marinhos rasos - fase transicional); (iii) Santo Onofre (formações Fazendinha, metarenitos e metaconglomerados flúvio-eólicos, Serra da Vereda, metaquartzarenito com dumortierita e metargilito litorâneos, Serra da Garapa, filitos grafitosos/hematíticos/manganesíferos, metarenito impuro, metadolomito marinhos plataformais, e Boqueirão, quartzarenito marinho raso - fase pós-rifte). Essas três fases de evolução do rifte são limitadas por discordâncias erosivas regionais.

A análise dos dois ramos do rifte-sag Espinhaço com base em dados geológicos, litoquímicos, geocronológicos e nas discordâncias regionais permite que se faça as seguintes correlações lito-cronoestratigráficas entre eles: Formação Serra da Gameleira, sem contrapartida na região do Espinhaço estudada; Grupo Rio dos Remédios, correlacionável ao Grupo Oliveira dos Brejinhos; Grupo Paraguaçu, correlacionável ao Grupo São Marcos e Grupo Santo Onofre, sem contrapartida na Chapada Diamantina ou, correlacionável ao Grupo Chapada Diamantina, de idade calimiana.

**Palavras-chave:** estratigrafia; correlação; supergrupo espinhaço.